

IX Conferência da União Maçónica do Mediterrâneo

“Que mensagem pode levar a Franco-Maçonaria às jovens gerações dos países do Mediterrâneo”

A mais grandiosa história que põe em cena o indivíduo que se aventura no mundo e que, depois, volta a casa e para dentro de si mesmo, é a *Odisseia*. Mas Homero não teria podido conceber a *Odisseia* e o seu herói sem o mar.

O seu herói, Ulisses, foi, segundo a lenda, o fundador da cidade de Lisboa, de que Olissipo foi o nome romano e que foi uma das mais importantes cidades da Península Ibérica.

Ainda hoje, da Torre de Ulisses do Castelo de São Jorge e graças ao Periscópio inventado por Leonardo Da Vinci no Século XVI, o único existente em Portugal, podemos observar Lisboa, o seu céu e o seu rio.

No Mediterrâneo, os povos e as raças uniram-se e desuniram-se durante vários séculos, aproximando-se ou afrontando-se talvez com mais intensidade que noutros lugares. O mosaico mediterrâneo é difícil de reconstituir pelas características tão diversificadas das suas componentes: Europa, Magrebe e Levante; Cristianismo, Islamismo e Judaísmo.

Ao longo da história, Estados e Igrejas, legisladores laicos e religiosos esforçaram-se para dividir o espaço e os homens, mas os seus laços resistiram às divisões porque o Mediterrâneo é mais do que uma simples pertença.

Podemos nós imaginar a história dos povos do Mediterrâneo sem a Grécia? Todos sabemos que a cultura e a civilização gregas colocaram todas as grandes questões do Mundo inteiro.

Palavra mágica ainda hoje, o Mediterrâneo não é apenas Geografia, nem História. As suas fronteiras não se inscrevem nem no espaço nem no tempo. Nunca saberemos determiná-las ... Os sábios da Antiguidade ensinavam que o fim do Mediterrâneo se situa onde acaba a oliveira!

A sua cultura mergulha directamente na cor das suas ondas, nas suas pedras, nas rugas dos seres humanos que habitam as terras que ele banha, no seu gosto pelo vinho, pelo azeite...

No Mediterrâneo, a literatura apropriou-se da história das esperas e das separações ... os seus cais, os seus portos, as suas praças públicas, os seus mercados, os espaços que envolvem as suas igrejas e mosteiros, os seus cemitérios, os seus teatros ao ar livre onde são apresentados os espectáculos, são lugares de representação de comédias e de dramas - quotidianos ou eternos -.

Costa ou paisagem, porto ou acontecimento, navegação ou crónica, o lugar de onde partimos é menos importante do que aquele onde chegamos.

No Século XIX, Nietzsche referia-se às relações do homem com o Mediterrâneo como uma «fé no Sul». As pessoas do Norte associam muitas vezes Sul e Mediterrâneo: há lá algo que as atrai, muito mais do que uma necessidade de sol e de uma luz mais intensa.

Não sabemos se podemos qualificar esta atracção como «uma fé no Sul» mas, é muito provável que uma pessoa, independentemente do local onde nasceu ou vive, possa tornar-se mediterrânica, porque ser mediterrânico não é um privilégio, é uma distinção. A coroa de louros continua a ser atributo de glória, mesmo nos países onde esta planta apenas é conhecida por intermédio da retórica. Não se trata apenas de história ou de tradição, de geografia ou de raízes, de memória ou de crenças: o Mediterrâneo é também um destino.

Uma Península Ibérica ocupada pelo Império Romano durante alguns séculos deixou inúmeras marcas nas nossas tradições, na nossa cultura e na nossa língua, razão pela qual os portugueses se consideram também mediterrânicos.

Afastado da Europa pela sua geografia, Portugal voltou-se para um outro mar, o oceano Atlântico. O mesmo fenómeno teve lugar em Espanha. Assim, os primeiros territórios conquistados pelos portugueses foram os do Norte de África, o Oriente e o Brasil, ao passo que os Espanhóis conquistaram a América Central e a América do Sul.

As novas rotas comerciais provocaram uma mundialização da economia, com importantes modificações no quotidiano das populações. Contudo, e mesmo se os Descobrimientos portugueses dos Séculos XV e XVI provocaram perturbações sociológicas e o enriquecimento, por vezes demasiado rápido, das classes ligadas ao poder, a população em geral era muito pobre. E continua a sê-lo!

Agastados por invasões sucessivas, os portugueses foram obrigados, por diversas vezes, a adaptar-se ao ocupante, que os faziam sentir-se estrangeiros em sua própria casa.

Esta situação psicológica de não pertença fez dos portugueses um povo pouco ligado ao seu solo, sempre em demanda de uma vida melhor, o que apenas consegue no estrangeiro. Os anos sessenta do Século XX viram partir milhares de portugueses para alguns países de uma Europa rica e a fuga ainda não acabou. As jovens gerações procuram por esse mundo o que o seu país não é capaz de lhes dar : o reconhecimento do seu esforço, da sua capacidade, do seu saber.

A Europa nasceu no Mediterrâneo e a Maçonaria operativa também. Vejamos, pois:

. Os Egípcios transmitiram à Grécia os mistérios e as instituições que, durante séculos, ficaram guardados nas estruturas sociais e nos monumentos sagrados e funerários das margens do Nilo ;

. O culto de Dionísio, o deus Baco dos romanos, estendeu-se até à Ásia Menor graças a uma colónia grega de construtores que aperfeiçoaram o seu saber a um ponto tal que atingiram a expressão técnico-artística mais sublime da época. A forma de organização desses construtores era muito semelhante à dos maçons da Europa do fim do Século XVIII ;

. Com o arquitecto Vitrúvio, o Império Romano atingiu o seu nível mais elevado em termos de qualidade e de complexidade das construções da Antiguidade e foram criadas várias sociedades de artífices;

. Independentemente dos Colégios de Arquitectos que existiam em todas as cidades do Império Romano, também existam pequenas corporações encarregues de planificar as pontes, os aquedutos, as estradas. Os historiadores assinalam que estas corporações e sociedades de artistas e de construtores teriam contribuído para levar os costumes, a literatura e as manifestações artísticas para todos os lugares onde o poder de Roma se tinha afirmado. E, logicamente, todos os símbolos e conhecimentos que as Lojas romanas tinham transmitido entre os seus membros. E assim a maçonaria se espalhou pelo Mundo conhecido até à época.

Que rotas definem o Mediterrâneo do nosso tempo ? A dos périplos da Antiguidade ? A do tráfico do âmbar ? A das deambulações dos judeus sefarditas?

Ou

A deste início do Século XXI, que vê desembarcar nas suas margens mais prósperas os seus vizinhos mais pobres? O que foi feito dos valores das mulheres e dos homens da Europa iluminada que consentem que os seus semelhantes sejam confrontados com uma tal situação ?

Ao longo da sua história, o homem sempre se juntou a outros para reflectir em conjunto. Nós fazemo-lo no nosso *fórum* privilegiado de reflexão - as nossas Lojas - e estamos a fazê-lo aqui hoje.

Na sua procura constante para compreender as suas origens mais antigas e conscientes que o seu destino está nas suas próprias mãos, por intermédio das suas acções, tal como defendia Camus no seu elogio de Sísifo, os maçons não cessarão de continuar a laborar para que as jovens gerações – as do Mediterrâneo ou de qualquer outro lugar no Mundo – tenham uma vida feliz, mas construída pela Ética e na Verdade.

Em representação da GLFP

Veneza, 7 de Novembro de 2009